



APRENDERES AFETADOS E A PRODUÇÃO DE POLÍTICAS OUTRAS DE NARRATIVIDADE DESDE UM DEVIR-TRAVA

Leandro Leal ¹
Neilton dos Reis ²
Tatiane Cosentino Rodrigues ³

RESUMO

Este trabalho se desdobra de percursos de pesquisa de doutoramento em Educação que se constroem nos e pelos encontros com as afetações provocadas pela existência do corpo-território de Linn da Quebrada. Assumindo o corpo como território existencial em expansão, nos entregamos a produzir e acompanhar mapas que vão sendo construídos nas cartografias intensivas e afetivas, desde os efeitos desses atravessamentos nos corpos das pessoas pesquisadoras, até pistas que esse processo formativo vai oferecendo às pesquisas científicas na área da Educação. Como re-inventar uma (outra) educação da sensibilidade e operar com o saber-do-corpo, tendo como intercessora principal a existência pulsante de uma corpa byxa travesti / transvestigênera? Como fazer da escrita uma máquina produtiva de fuga que cria e inventa e fabula e produz outros mundos possíveis, outras formas de habitar os territórios existenciais, incluindo a Academia e as pesquisas com/em/na Educação? Apostamos, assim, num aprender afetado, na produção de grafias existenciais poéticas e criativas, estabelecendo-se uma política outra de narrativa: devir-trava.

Palavras-chave: Percursos de pesquisa, Cartografias, Aprender afetado, Grafias existenciais.

<><><><><>[...]<><><><><>[...]<><><><><>

Escrever para produzir perguntas, não respostas!
Escrever sobre o que não se sabe!
Ensaiar linhas de fuga!
Re-Viver!

<><><><><>[...]<><><><><>[...]<><><><><>

4

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - PPGE/USFCar, leandroleal@live.com; Trabalho realizado com apoio da CAPES – código de financiamento 001.

² Doutorando em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, neilton.dreis@gmail.com.

³ Professora orientadora: Doutora em Educação e Mestre em Ciências Sociais na UFSCar, Professora Adjunta do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos - PPGE/UFSCar, tatiane.cosentino@gmail.com.

⁴ Esses e alguns outros elementos destacados no texto foram produzidos por um dos autores do texto, Leandro Leal, e compõem a tese de doutorado *cartas d'eus: cartografias afetivas com Linn da Quebrada*. Disponível para acesso no repositório da UFSCar, através do endereço eletrônico: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13526?fbclid=IwAR1ZCibi4popxQkUSMxmpOPaGe_G8_J0dHGBS_Pd8zC1ry9T6Qo2xPvqslg. (p. 57).



INTRODUÇÃO

Este trabalho se desdobra de percursos de pesquisa de doutoramento em Educação que se construiu nos e pelos encontros com as afetações provocadas pela existência do corpo-território (MIRANDA, 2020) de Linn da Quebrada. Nesse aprender-afetado, nos propusemos a pensar sobre alguns problemas de pesquisa, dos quais destacamos: a) que aprenderes e como fomos produzindo-os no percurso da pesquisa a partir e nos/pelos encontros com a Linn (intercessora, provocadora, disparadora de afetos)?; b) quais efeitos dos atravessamentos dessas forças intensivas puderam ser sentidos no corpo de quem pesquisa? (corpo como um território existencial em expansão).

Implicados num processo cartográfico (ROLNIK, 2016; DELEUZE, 2011) e sensíveis às forças que atravessam e afetam, nos detivemos a pensar sobre mapas que iam sendo construídos a partir e com esses encontros com a subjetividade rizoma Linn. Nos interessam, nesse processo de experimentação, os mapas que dizem sobre Educação e produção de saber científico, sobretudo quanto às escritas, na medida em que ensaiam um modo outro de aprender no e pelo corpo.

Uma dobra desses problemas, que tem sido nosso foco de experimentação (como no caso deste texto), é o pensar sobre: quais mundos possíveis são criados/fabulados a partir dessa experimentação cartográfica? Como re-inventar, também para nós na Academia, uma outra educação da sensibilidade e operar com o saber-do-corpo?

Algumas possibilidades: aprender afetado, pedagogias travestis/das travestilidades, devir-trava...

METODOLOGIA

Desde a experimentação cartográfica (de pesquisa e de escrita), decorreram alguns questionamentos que ainda tem nos colocado a pensar, nessa e em outras escritas, que aqui acabam tomando a atenção mais até que a descrição das ferramentas metodológicas efetuadas nessa pesquisa:

r) Como narrar esses efeitos intensivos de maneira cartográfica? Como tornar o texto, ele também, criação e narração de um processo? Possibilidades: *crazy-patchwork*, cartografia afetiva, cartografia de si...;

m) Como fazer dessas escritas uma máquina produtiva de fuga que cria/inventa/fabula/produz outros mundos possíveis, outras formas de habitar os territórios existenciais - inclusive a academia?

a) Uma vez que determinada escrita pode, também, ser aprisionadora e diminuidora de potência de vida, como escapar dos bloqueios e da reatividade, e afirmar vida na e pela experimentação de uma escrita que possa (ou pelo menos pretende-se) validada academicamente?

Alguns verbos tomaram poderes de efetuação nessa experimentação cartográfica, consoantes às filosofias da diferença: *acompanhar e cartografar e narrar e expressar e inventar* (e menos representar, explicar, analisar...).

Ensaio.

Pelo meio.

Escrita em modo de povoamento.

Que se faz enquanto se escreve.

Que não conclui, se faz fluxo.

Caótica.

Que expressa, ao invés de citar e explicar.

Que se mostra implicada, afetada.

Outra política de narratividade.⁵

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo mesmo da pesquisa-e-escrita (interconectadas, quase inseparáveis, uma implicada à outra...) foi se tornando de/sobre/com: invenção de outra política de narratividade que acionasse/produzisse outros aprenderes (sem a qual não seria possível sequer mesmo apresentar um texto acadêmico, como o exigido para a defesa de doutorado). Efetua-se, assim, pela e na criação, a produção de outro modo de aprender, que afetado pelos encontros com a Linn e demais intercessoras, ia se abrindo para a diferença, para possíveis não explorados, iam ativando o saber-do-corpo, que se apresentava sensível ao encontro com signos que afetam e obrigam a pensar...

⁵ Compõe a tese de doutorado mencionada anteriormente (p. 46).

Essas experimentações vão indicando a efetivação de um *estilo de escrita* com algumas características que soam estranhas aos olhos treinados pelos textos do circuito acadêmico hegemônico. Como exemplo, destacamos: a escolha por, em determinados lugares, acentuar a conexão entre os termos com a repetição dos “e... e... e...”, ao invés de utilizar a vírgula; a quebra de frases em vários pedaços, às vezes com vírgulas colocadas em lugares estrategicamente pensados para demarcar outros sentidos, enfatizar essa ou aquela expressão e ideia; o uso de parênteses e colchetes e chaves de maneira constante, com sentidos que vão sendo compreendidos na medida dos usos desses sinais...

E por que e para quem estou escrevendo isso?
Escrita em modo de povoamento, lembro.
Escrevo essas linhas para quem me acompanha.
Quem me provoca, me atravessa, me faz pensar.
[e, por pensar e não escrever, que produz e esquece]
Escrita caótica e esburacada.
Que está COM, mas não mostra QUEM.
Que esquece com quem.
Que perde a referência.
Que se faz no caos e na bagunça das civilizações pesteadas.
Que é encontro e rede.
Palavras povoadas e que povoam.⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzimos ainda mais perguntas que, nesses processos que continuam nos envolvendo nas/pelas pesquisas-e-escritas-e-vidas, tem nos movimentado a pensar sobre esses aprenderes afetados e a produção de políticas outras de narratividade, que sejam desde o que chamamos de devir-trava.

⁶ Compõe a tese de doutorado mencionada anteriormente (p. 60).

Possibilidades: devir-trava, aprender afetado, pedagogias travestis - grafias existenciais, poéticas e criativas, que produzem novas políticas de narratividade, outros possíveis que aumentem a potência de vida.

Ainda sobre possibilidades:

- devir-trava: impossibilidade de capturar a vida em variação / sentido de potência da travestilidade.

- escrita que tem relação com a ideia de devir-trava: o texto, nessa perspectiva, tem que criar disparadores, não apenas respostas; efetuar potência de matilha, criar saídas múltiplas; experimentações também textuais, considerando as subjetividades rizomas implicadas >> afirmação de vida, re-invenção de outra política de narratividade.

Nos provocando a pensar, reativamos alguns sentipensares narrados nos *pensamentinhos*⁷:

- 1) Cartas-ensaios de eus para não sei quem: pluralidade de vozes e dimensões afetivas em várias intensidades, que se revezam e se criam e se potencializam e...: AO DIZER, inventar outra política da narratividade em que os modos de dizer sejam compatíveis com as problemáticas de e com e para quem se diz.
- 2) Transgredir desde a forma, o estilo de confecção do texto, dos retalhos, dos fragmentos.
- 3) A pesquisa é sempre um enfrentamento, é sempre uma tentativa de decifração daquilo que violenta.
- 4) Sub-versão (versão minoritária).
- 5) Aprendizagem = invenção.
- 6) Quais saídas podemos inventar? O quê e até onde podemos profanar a “santidade acadêmica”?
- 7) É preciso uma desaprendizagem das normas!
- 8) Ser trans e falar só de trans, de transfobia. Preta e falar só de racismo. O que essas pessoas fazem quando não estão falando (‘só’) disso?
- 9) Escrever é sempre no presente, mesmo quando diz de passados e/ou futuros.
- 10) Incômodo de usar apenas fontes já consolidadas e não ter tanto espaço pra conhecimento da rua, do mundo... tem que ser tudo apenas livro, texto, coisa publicada no circuito acadêmico?
- 11) Devir-trans / devir-trava / devir-traveco: experimentações...
- 12) Cartografia é criação de mundos. Cartografar é, de algum modo, fazer arte.
- 13) IMPOSSÍVEL capturar vida em variação: devir-trava.

⁷ Pedaco que compõe a tese já citada neste texto.



- 14) Estar sensível ou produzir encontros nos obriga a criar novo corpo, novos modos de ser, de fazer, se sentir, de aprender: novos eus <eus larvares, como diz Orlandi?>.
- 15) Como continuar se tudo que se encontra é o que não se procurava? Como desestabilizar essa mente racional produzida na e pela ciência régia? Como desaprender a aprendizagem?
- 16) Lugar de riscos / inventar outras perguntas / eu preciso criar aquilo que não encontro, preciso dizer sobre os eus (sem essencializar).
- 17) Fricção / Fabulação >> recordar um futuro? (inventar).
- 18) Lembrar sempre, sempre mesmo, que desejar é produzir.
- 19) Linn é multiplicidade em movimento, em constante devir.
- 20) Cartografia >> afetação >> fluxos e agenciamentos >> construção/invenção.
- 21) O que vai acontecendo no meu corpo enquanto vou tentando provar a insurgência política e pedagógica das gentes como a Linn e Liniker e Jup e e e e e e e e e e e e e?
- 22) Aprender – diferenciar-se de si mesmo >> abertura a encontros que aumentam a potência de viver.
- 23) Escolha: confundir formas, modelos, estruturas.
- 24) Subjetividade *crazy-patchwork* >> movente >> rizomas.
- 25) O que quero encontrar e o que vai acontecendo no meu corpo nesse percurso?
- 26) Aprender >> processo de diferenciação >> abertura aos encontros >> aumento intensivo de potência.
- 27) Como Linn quer que eu me insurja? O que ela espera de mim? O que ela quer que eu seja?
- 28) Linn e eus: potência em variação >> o eu não é uma forma de identidade, mas uma potência de acontecer que guarda algo de inesgotável (ainda bem!).
- 29) Mosaico monstruoso, transfuturos inventados por uma escrita byxa-travesty.
- 30) Escrita-corpo! >> invenção de uma ‘poética de si’.
- 31) Escrita se faz pelo devir >> transformação de si >> diferenciar-se de si mesmo.
- 32) Seriam essas algumas ‘cartografias de si’?
- 33) Linn: subjetividade que não quer nada a não ser viver em intensidade, promovendo seus próprios fluxos.
- 34) Pesquisa que se pensa a si própria <perder-se>.
- 35) Maria dos Remédios: fazer rizoma de si / escrita é um modo de dilaceramento de si mesmo / escrita-devir que se faz pelo meio, não aceita totalidades.
- 36) Pensar enquanto escreve, escrever enquanto pensa = escrever faz pensar... e pensar, faz escrever?
- 37) Devir-escrita afetada pela Linn...



- 38) Educação: modo de criar a si e ao mundo (Tarcísio).
- 39) eus >> tudo, menos identidade / n-1 / eu com n rostos que caibam.
- 40) É produção, não produto / experimentação, não experiência.
- 41) Dizer o que precisa ser dito da maneira como é possível.
- 42) Ana Godoy: escrever é dizer da vida >> começar pelo que impressiona, deixar o corpo contemplar o que se passa, experimentar >> abertura de caminho para aquilo que se precisa dizer.
- 43) Linn marca meu corpo. Mas como? Como expressar, se é mais ‘sentir’ que ‘entender’?
- 44) Há coisas ditas/sentidas pelo corpo que a linguagem não dá conta de traduzir!
- 45) Pesquisa-escrita como modo de potencializar o agir, a potência do corpo.
- 46) Inventar outra coisa, desviar, derivar, escapar: afirmação da vida.
- 47) ...

AGRADECIMENTOS

Ser ou não ser:
essa não deveria ser a questão.

Ser trans pra mim é libertar-se. É não ser ator nem atriz: é ser atroz. É ir atrás. Estar à frente. É enfrentar. É atuar sobre si mesma. É assumir riscos. É ter a dádiva de duvidar da vida. Ser Trans é ter peito. E também é não ter. Ser Trans é genial, não genital. Não é do caralho, nem de xoxota. É de corpo inteiro. É reinventar-se e criar sobre a própria existência. Ser Trans é confuso, é borrar os limites, é rascunho. Ser Trans é poesia. É assumir-se corpo. Ir além. Ser criação e criadora. A médica e a monstra. Ser Trans é divino. É obra de d'eus. De todos os eus que me constituem. Não é obra das trevas. É obra das travas. Ser trans é um ato de coragem. É um campo de batalha. Ser trans é entregar-se. É não abrir mão de si. O que pode ser, algumas vezes, solitário. Mas tenho me encontrado em outras solidões. E tenho percebido que não estou sozinha. Não estamos. Eu soul Trans. E celebro minha existência. Celebro as nossas vidas, nossas conquistas. Se eu não fosse Trans, gostaria de ser.

Linn da Quebrada⁸

⁸ Descrição de um vídeo com apresentação ao vivo de “Mulher”, postada em 29 de janeiro de 2017 no canal da Linn, no Youtube. Disponível em: <http://you.tube/-50hUUG1Ppo>



Pela Linn. Por tudo que aprendemos com ela, por ela, através dela. Por esse devir-trava, por essa necessidade que ela nos impôs de continuarmos lutando – mesmo sem ela saber, nos fez re-criar o sentido de viver. Em rede, com afetividade, com carinho, com alguma esperança. Ela foi a grande porta pra mundos possíveis, a mais efetiva intercessora, a maior provocadora de aprenderes [...]. Pelo que, através dela, atravessa e ecoa: atraveca.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira ima. **Percursos de uma pesquisa.** Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em resistência. [Livro em processo de editoração, a ser publicado em 2020 – a autora gentilmente permitiu acesso a algumas partes do livro].

BIXA TRAVESTY. Direção: Claudia Priscilla e Kiko Goifman. Roteiro: Claudia Priscilla, Kiko Goifman e Linn da Quebrada. Produção: Evelyn Mab e Kiko Goifman. Fotografia: Karla Meneghetti. Trilha Sonora: Linn da Quebrada. Estúdio: Paleotv, Válvula Produções. Montadora: Olivia Brenga. Distribuidora: Arteplex Filmes. 2018.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. Vários autores. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: o Núcleo. Vários anos, várias edições.

DE BRITO, Maria dos Remédios de. Cartografia... uma política de escrita... **Rev. Polis e Psique**, Belém, PA, Brasil, v. 7, n. 00, p. 167-180, 2017.

DE BRITO, Maria dos Remédios; COSTA, Dhemersson Warly Santos. Atos de criação: o corpo e a escrita. Seminário Conexões, 8., Campinas, SP, 2019. **Caderno de anais [do] VIII Seminário Conexões [recurso eletrônico]**. Sílvia Gallo, Marcelo Vicentin, Mirele Corrêa (orgs.). Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019. 361 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª Edição – 2011 / 2ª Reimpressão - 2017). 128p. (Coleção TRANS).

DOS PASSOS, Maria Clara Araújo. **Pedagogia das travestilidades.** Trabalho de Conclusão de Curso – Pedagogia. PUC-SP. São Paulo, 2020.

LINN DA QUEBRADA. **Página da artista no Facebook / Perfil do Instagram / Página Comercial.** Disponível em: <https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/>; <https://www.instagram.com/linndaquebrada>; <https://www.linndaquebrada.com/>.

MENDES, Tarcísio Moreira. **Uma Educação esquizita.** Uma Formação bricoleur – processo ético e estético e político e econômico. 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-territorio & educacao decolonial:** proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador : EDUFBA, 2020.



MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

RIBETTO, Anelice. **Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita**. UFF Niterói, 2009 . Disponível em:

http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/TESE%20ANELICE%20RIBETTO.pdf.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.